

# **A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO DFB FESTIVAL 2018 – UMA ANÁLISE DO DESFILE “AMOR PRÓPRIO”<sup>1</sup>**

Maria Isabella Sousa Miranda<sup>2</sup>

## **1. INTRODUÇÃO**

A moda passa por um momento de contínua expansão no Ceará. O mercado de moda brasileiro tem passado a visualizar o estado como polo industrial e econômico, o que ocasionou o surgimento de novas oportunidades e eventos na área. Joffily (1991) esclarece que a moda é um fenômeno de faturamento em qualquer cultura e é responsável por empregos na indústria, comércio, imprensa, assessorias e agências de publicidade.

Pode-se dizer que no Ceará, como na maior parte do Brasil, há o despertar de um mercado que almeja apresentar sua identidade. A produção desse setor envolve não apenas aspectos comerciais e industriais da indumentária, mas todo um sistema de moda, tanto em sua criação, dependente de pesquisa e investimento em tendências, inseridas numa produção que busca ser "autoral", quanto na sua divulgação, com eventos que buscam uma presença permanente das instâncias legitimadoras – revistas especializadas e discurso de críticos e jornalistas de moda do campo.

São essas instâncias legitimadoras que buscam revelar um momento particular do processo de construção de uma “moda cearense”, que busca seu espaço no mercado brasileiro, tão competitivo. Em paralelo a tal processo, há um retorno, por parte da produção e divulgação de moda no Brasil, em representar um imaginário da moda local, pois, segundo Castilho (2004), a moda é umas maneiras de os sujeitos construírem pareceres e por eles estabelecerem seus modos de ser e estar no mundo. A moda, portanto, vista como um novo espaço comunicacional, é rico em possibilidades narrativas quando transportada para a plataforma de desfiles e eventos.

Neste artigo, apresentamos o propósito de refletir sobre algumas dessas construções identitárias, buscando compreender as narrativas construídas por meio do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Seminário Intercidades: Consumo e imaginário urbano do Rio a Fortaleza (UERJ)

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Jornalismo da UFC, email: mariaisabellasm@gmail.com

fenômeno da moda. Com o objetivo de melhor entender como essas narrativas são criadas, trabalharemos com o desfile do estilista Linderbergue Fernandes, que ocorreu durante o primeiro dia de DFB, apresentando a coleção intitulada “Amor Próprio”.

Além disso, considerando o processo de construção de discurso e os estudos de Stuart Hall (1998), que apontam que a identidade do sujeito não é algo imutável, e sim uma construção social, lançamos mão da análise pragmática da narrativa (MOTTA, 2013) e da pesquisa bibliográfica como metodologias de investigação.

## **2. DFB 360° - TODOS OS SENTIDOS, TODAS AS DIREÇÕES**

Permeando o campo de moda no Ceará, trazemos como objeto de análise o DFB Festival 2018 (Dragão Fashion), evento que acontece anualmente em Fortaleza – Ceará e movimentando o tecido cultural e econômico do estado. Para compreender a importância da mostra, precisamos analisar como o evento se apresenta e funciona.

O DFB surgiu em 1999, idealizado por Claudio Silveira, tendo como principal objetivo servir como um espaço de novos talentos e plataforma de lançamento para estilistas e marcas que buscassem uma perspectiva mais autoral da moda. No decorrer das edições, o evento passou a ter um perfil multicultural, passando a trazer outros segmentos que utilizam a moda como fio condutor: cultura, gastronomia e saberes.

Em 2017, o DFB se torna DFB Festival, por apresentar, em semelhantes proporções, atividades e programações em moda, gastronomia, formação acadêmica e atividades musicais, abrangendo ainda mais aspectos da cultura cearense.

Atualmente o festival apresenta-se como o maior evento multidisciplinar de moda, cultura, gastronomia e artes integradas da América Latina. A edição de 2018, que ocorreu de 9 a 12 de maio no Terminal Marítimo de Passageiros de Fortaleza, apresentou o tema “360° - Todos os sentidos, todas as direções”, com o intuito de celebrar a pluralidade e a expressão das diferentes vozes que emanam da cultura popular.

O conceito da 19ª edição foi desenvolvido com o intuito de traduzir “a convergência das mais diversas manifestações culturais nordestinas, girando em torno de um mesmo vórtice criativo”,<sup>3</sup> segundo Cláudio Silveira. Fortalecendo o caráter de multidisciplinaridade, a edição de 2018 dividiu-se em sete eixos: música, moda,

---

<sup>3</sup>Material de apresentação do evento disponível em <http://www.dfhouse.com.br/>

formação, empreendedorismo, oportunidade, dança e arte. Abordaremos, entretanto, apenas o aspecto da moda autoral proposta pelo DFB.

Palco de novos talentos, de criadores recentes e de grandes nomes com propostas de uma assinatura conceitual, o DFB 2018 apresentou um roteiro composto por 38 desfiles de moda distribuídos em três salas, com capacidade para 1.000, 800 e 600 lugares. No material institucional, o DFB Festival se apresenta tendo como “missão primordial proporcionar o acesso do público a talentos emergentes e em formação, bem como marcas e designers que não se encaixam nos formatos mais tradicionais do *trade*”. Ou seja, o evento busca fomentar o novo e trazer nomes que não circulam em outros eventos do mesmo perfil.

Um dos aspectos que fundamentam essa característica é o Concurso dos Novos, realizado desde 2001. A competição é aberta a instituições de ensino superior e técnico de todo o Brasil, que devem desenvolver coleções-cápsulas alinhadas ao tema proposto. Em 2018, o DFB propôs aos estudantes o seguinte norte “Economia Circular: todos os ângulos da inovação e da renovação no pensamento e no fazer moda”. Os finalistas apresentam suas criações durante o evento, e como prêmio ao vencedor está o Troféu DFB e o valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais).

Quanto ao aspecto musical, para o evento de 2018, o DFB Festival distribuiu a programação em três palcos, sendo o principal o **Ceará Sobe o Som**, que, durante os quatro dias, recebeu oito shows e quatro sets de DJs convidados, além da participação de pockets shows nos intervalos dos desfiles.

Como forma de reafirmar a característica de representação da identidade cearense, para a 19<sup>o</sup> edição, o evento contou com uma nova sala, o DFBeach Club, uma nova sala de desfiles, com capacidade para 600 convidados com vista panorâmica para o litoral, com desfiles exclusivo da moda *beachwear*<sup>4</sup>, umas dos setores mais sólidos e característicos do estado, visto que a moda praia é o terceiro principal produto exportado pelo setor de confecções cearense, somando US\$ 88,5 milhões de vendas apenas no primeiro trimestre de 2018.<sup>5</sup> O material institucional do evento traduz a concepção desta nova sala<sup>6</sup>:

---

<sup>4</sup>Tradução: Moda Praia

<sup>5</sup> Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/produtos-cearenses-aportam-em-129-paises-gerando-divisas-1.1938056>

<sup>6</sup>Disponível em <http://www.dfhouse.com.br/>

O **DFBeach Club** é um projeto inovador, que demonstra força e a tradição da indústria do beachwear criado e produzido no Ceará. Com grandes players de relevância nacional, o trade confeccionista do Estado encontra na moda praia a perfeita tradução de seu talento, resiliência e qualidade. E para promover o acesso direto entre marcas e público, além da programação de desfiles, a peça apresentada será comercializada imediatamente após, no esquema *see-now-buy-now*, em uma *pop up store*, no lounge de acesso à sala. (MATERIAL DE APRESENTAÇÃO).

Interessante relacionar que, do ponto de vista empírico, a sociedade usa do universo material ao seu redor para se reproduzir fisicamente e socialmente (CAMPBELL, C; BARBOSA, L. 2006, p. 22). O evento traz os desfiles de *beachwear* e, ao mesmo tempo, promove o consumo, visto que nesse caso as peças serão vendidas logo após serem apresentadas. O consumo, assim, passa a ser uma maneira de expressar-se. Segundo Hall (2011), consumir bens para fazer-se reconhecer perante o grupo acaba por se tornar uma prática corriqueira. Além disso, essa identidade flexível é necessária, pois o sujeito pode pertencer a grupos diferentes, pode circular por espaços diferentes e mutáveis, coerente com a proposta do evento.

No setor de formação, o DFB apresenta uma parceria com o Senac/Ce, por meio do Dragão Pensando Moda (DPM), tradicional ciclo de encontros sobre moda, design, gastronomia e inovação que ocupa todo o Pavilhão do Conhecimento durante os dias do festival. Fomentando mais uma vez o setor do consumo, há a área de “Talentos Senac”, que reúne designers e estilistas de todo o Nordeste, que comercializam peças autorais.

No setor gastronômico, o DFB Festival 2018 contou com 6 restaurantes locais (Celeste, Frederico Jayme, O Banquete, Tomate Cereja, Suvaco de Cobra, Culinária da Van) comandados por chefs do Ceará, que ofereciam refeições assinadas a preços populares.

Trazendo todos esses aspectos e segmentos do festival, é sempre notável o resgate da cultura e identidade cearense, tanto na cultura, quanto na moda ou na gastronomia. Vale ressaltar, portanto, segundo os conceitos de Hall, que a identidade seria algo formado através de “processos inconscientes”, que não nascem com o sujeito, mas que se formam ao longo do tempo, concepção que podemos transpor para nossa busca da identidade cearense. Logo, primeiramente, é preciso compreender que a identidade não pode ser vista como um processo finalizado e estático, mas como um processo em contínuo andamento.

### 3. A MODA COMO NARRATIVA

Ao nos depararmos com uma marca, um evento de moda, uma coleção ou um estilo, estamos apreciando uma das características do ser humano: narrar histórias. Motta (2013) afirma que narrar é uma experiência enraizada na existência do homem, sendo um metacódigo universal. Assim, todos os povos se apresentam através de narrativas, “Construímos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos” (MOTA, 2013, pg.17)

A moda, muito além de peças de roupa ou tendências, é responsável por criar histórias e representar identidades das culturas que dela usam. Segundo Lipovetski (1989), o conceito de moda está intimamente vinculado à noção de dispositivo social. O comportamento orientado pela moda é fundamentado na reivindicação da identidade e na legitimidade da singularidade

A identidade, na moda, é inseparável de uma narrativa criada para convencer. Para construir essa narrativa, a moda aparece como a forma pela qual cada um se vê e quer ser visto no mundo, perspectiva reafirmada por Hall:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1998, p. 38)

A construção das identidades, com suas múltiplas possibilidades, é reflexo da forma com que os indivíduos criam os seus estilos de vida, de forma que a moda é um dos relevantes aspectos a ser estudado e analisado. Estilo de vida considerado neste trabalho como “conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (GIDDENS, 2002).

Na relação entre corpo e moda, existe a busca do sujeito em transformar sua aparência em busca de uma resignificação de sua identidade, de modo a se diferenciar e individualizar perante a sociedade ou grupo social. Ainda sobre essa relação, Castilho (2004), afirma que essas duas plásticas (corpo e roupa), são responsáveis por compor a estrutura visível do corpo e da aparência final do sujeito no meio social. Segundo o

autor, o corpo funciona como um objeto, um discurso narrativo, tendo em vista o modo como está estruturado no campo sintético e semântico.

Ele é ressemantizado pelos valores que se apresentam em conjunto com sua materialidade (adornos, marcas, etc), o que se pressupõe que essa carga semântica esteja continuamente aberta aos efeitos de aparência de um sujeito exerce sobre o “outro”. A constatação da presença do “outro” faz com que o corpo se reconstrua, revestindo-se de características culturais e adquirindo, por tanto, uma noção de identidade de sujeito no discurso. (CASTILHO, 2004, p.58).

Para compreender a sociedade atual através do caráter vestimenta e de como as identidades são representadas, é preciso visualizar a moda como uma narrativa, na qual as circunstâncias de optar por determinada abordagem cultural podem representar mais do que simples escolhas aleatórias, mas sim representações sociais, históricas e econômicas. Para Motta (2003), as narrativas são mais que representações, são estrutura que trazem sentido à experiência, sendo o fato de narrar a forma de criar representações de “nós mesmos e nossas identidades individuais”:

Estudar as narrativas como representações sociais pode ensinar muito sobre a maneira pelas quais os homens constroem essas representações do mundo material e social. Grande parte dessas representações mentais se estrutura na forma de narrativa (...) As narrativas não representam simplesmente a realidade: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidade humana. (MOTA, 2003, pg. 33-34)

Levando em consideração o pensamento de Bakhtin, Di Fanti (2003) apresenta que “todas as manifestações que tenham a interferência do homem constituem-se como linguagem, enunciado, texto”. (FANTI, 2003, p. 100). Logo, entendemos a moda como narrativa ao compreender que as roupas, assim como todas as coisas e signos, são passíveis de interpretações.

#### **4. LINDEBERGUE FERNANDES – MANIFESTO AO AMOR PRÓPRIO**

Lindebergue Fernandes é um dos nomes mais esperados nas edições do DFB, pelas suas características de apresentar desfiles transgressores e repletos de significados. Vencedor do Concurso dos Novos em 2001, desde 2002 o estilista apresenta suas coleções durante o festival, totalizando dezesseis anos de presença ativa no Dragão Fashion Brasil. De modo contínuo, suas criações trazem por trás dos panos, histórias repletas de significados. Em 2018, o estilista cearense encerrou o primeiro dia

de programação do evento com uma apresentação repleta de questionamentos políticos e comportamentais.

O designer é conhecido nacionalmente por ter uma moda lúdica e imersiva sobre as formas de se vestir. Desse extenso e plural universo de desfiles apresentados, optamos por analisar as narrativas construídas na apresentação da coleção “Amor Próprio”, desfilada no festival, em que Lindenbergue traz “uma reflexão sobre a relação do homem com o mundo material e imaterial que o envolve, incluindo aquilo que vestimos. Tudo isso, claro, com o tempero sempre divertido e autêntico”.<sup>7</sup> O objetivo dessa análise é aprofundar as percepções e leituras sob os diversos aspectos apresentados em um desfile e buscar compreender de que maneira a narrativa foi criada e concebida, sempre sob a perspectiva de que a apresentação se encontra como uma parte do evento como um todo, motivo pelo qual segue suas diretrizes.

Lindenbergue traz para a moda a capacidade de produzir histórias. Barthes (2008) apresenta exatamente essa perspectiva do ponto de vista teórico apresentando a roupa como algo capaz de criar significados e enredos.

Pode-se esperar do vestuário – afirma – que ele constitua um excelente objeto poético. Primeiramente, porque ele mobiliza com muita variedade todas as qualidades da matéria – substância, forma, cor, taticidade, movimento, apresentação, luminosidade; e depois porque, em contato com o corpo e funcionando ao mesmo tempo como seu substituto e sua cobertura, é ele, certamente, objeto de um investimento muito importante. (BARTHES, 1979, p. 350).

Na coleção “Amor Próprio”, Lindenbergue apresenta modelos em corpos não-padronizados no campo da moda, que fogem ao padrão clássico das passarelas. Em entrevista ao Diário de Pernambuco<sup>8</sup>, o estilista afirma “Eu quis fazer uma moda democrática, a passarela é lugar de manifestação”.

Materiais plásticos e transparências contribuíram para revelar os indivíduos por baixo das roupas e questionar a rigidez de padrões, enquanto ataduras e plásticos filme envolviam as cabeças de alguns participantes da performance. Ilustrações lúdicas de órgãos genitais deram tom de humor e mais vigor ao

---

<sup>7</sup> Release institucional disponível em: <http://www.dfhouse.com.br/debaixo-dos-panos/>

<sup>8</sup> Disponível em [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/moda/2018/05/11/internas\\_moda,751805/draga\\_o-fashion-simbolo-da-moda-autoral-cearense-lindebergue-question.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/moda/2018/05/11/internas_moda,751805/draga_o-fashion-simbolo-da-moda-autoral-cearense-lindebergue-question.shtml). Acesso em 22 de novembro de 2018.

manifesto, enquanto palavras e frases-chave estamparam as malhas. “Amor”, “amor próprio” e “contém gente” se impuseram na passarela como bandeiras, convites à auto-aceitação e à aceitação do Outro. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018)

## **5. ANÁLISE: AS NARRATIVAS COMUNICACIONAIS NA MODA NO DESFILE DO ESTILISTA LINDEBERGUE FERNANDES**

Nas narrativas da moda, dentre as quais abordaremos o desfile do estilista Lindebergue Fernandes no DFB 2018, permanecem como temática o cotidiano, a representação social, o estabelecimento de identidades e de sentimentos de pertença a determinado grupo, bem como de determinados comportamentos e perspectivas de mundo.

Motta (2013), em sua obra *Análise Crítica da Narrativa*, propõe uma análise pragmática da narrativa. Nesta opção de metodologia, três instâncias da narrativa são destaques: plano da expressão (discurso, linguagem), plano da estória (conteúdo, enredo, intriga) e plano da metanarrativa (tema, fábula, modelos de fundo). Para esta análise específica, iremos nos deter nos dois primeiros planos, visto que são mais adequados para analisar a performance de um desfile.

A narração nos desfiles de moda nos remete à visualização de escolhas técnicas e de criação, bem como à organização da produção em um determinado discurso ficcional, entendido e visto como tal pela audiência.

O que é narrar? Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica, portanto, em narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido. (...) Narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados. Pressupõe a existência de uma lógica narrativa que nos leva a uma gramática discursiva universal (MOTTA, 2005, p.7).

Os desfiles são entendidos como narrativas, pois não nos entregam seus sentidos prontos e final. Precisamos nos relacionar com eles, vivenciá-los e, de uma maneira própria e individual, dialogar com as roupas apresentadas para que os sentidos nelas contidos sejam percebidos.

Na coleção “Amor Próprio”, Lindembergue se ampara em diversos suportes para deixar sua mensagem mais compreensível aos espectadores, de modo a imergir o público em um ambiente que transpasse a mensagem desejada. Para isso, todos os aspectos convergem para o propósito: objetos, trilha sonora, modelos, tecidos utilizados,

maquiagem, porte dos modelos, disposição das criações e cenário, entre outros recursos que reforçam a ideia da coleção.

Nos desfiles, o efeito de real é desconstruído, em busca da validação do que nas narrativas se refere ao “estilo”, à “tendência”. Ao assistirmos a um desfile, estamos diante de imagens, de modelos e de roupas que não necessariamente habitarão as ruas como lá estão. Pelo contrário, é preciso estabelecer o espaço do show, uma espécie de “licença poética”, que tanto serve para criar a narrativa, a história que se quer “vender” a partir das roupas, acessórios, beleza (cabelos e maquiagem), da trilha sonora, da iluminação, da disposição do cenário, do local de sua realização, do tipo de casting, do público convidado para estar na primeira fila, etc, quanto para criar o distanciamento necessário para que o público presente e remoto possa entender o evento como parte de sua realidade, vivida ou imaginada. (FLAUSINO; MOTA, 2012)

É no modo de apresentação dos desfiles e na escolha dos elementos que o compõe que poderemos verificar a forma como essas partes são utilizadas para criar uma história. Nas narrativas dos desfiles, os variados aspectos se apresentam de forma diversa, ou seja, há uma ordem discursiva, mais ligada à filosofia e às possibilidades de produção de cada estilista.

Seguindo a ordem proposta por Mota (2003), o plano da expressão é o plano da linguagem, seja verbal, sonora ou gestual. Analisar este plano “tem uma importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos e imprimir efeitos dramáticos de sentido” (MOTTA, 2013, p. 136).

Os desfiles possuem uma estética que se contrapõem a outros formatos. Analisá-los sob esse aspecto é analisar a linguagem visual e verbal, na qual as intencionalidades do narrador, ou no caso do estilista, podem ser bem desveladas. Para o desfile “Amor Próprio”, Lindebergue optou por trazer modelos que não seguissem os padrões das passarelas, sejam estes de peso, altura ou opção sexual. Benjamin acredita que a narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. (BENJAMIM, 1994, p. 205). Ou seja, a narrativa não tem como função primordial entregar com clareza e precisão as intencionalidades, ela oferece espaços para que os leitores, ou no caso, os espectadores do desfile, percebam a história de forma diferente.

O caráter da performance pode ser observado logo nos primeiros momentos do desfile, quando os modelos aparecem com a cabeça emplastificada, em referência ao aprisionamento causado pelas regras da moda e pela ditadura do belo. Observando pelo

caráter visual, há todo um esquema de progressão no desfile, em que primeiro se vislumbra as peças mais tradicionais, para depois a narrativa da quebra de padrões ser criada, fato observado também pela sequência selecionada dos modelos.

Mesmo sendo uma plataforma predominantemente visual, o estilista traz para a passarela também a linguagem verbal, segunda camada do plano de discurso. Para esta questão, o autor instrui observar “o uso de certos recursos de linguagem como a ocorrência de metáforas, hipérboles, exclamações, interrogações, ironia (...) que vão produzir no leitor determinados efeitos de sentido” (MOTTA, 2013, pg. 142). Na passarela, são desfiladas peças de roupas, como blusas e vestidos, com palavras estampadas, estratégia para verbalizar os conceitos da narrativa do desfile. Há três opções expressivas utilizadas em uma sequência de modelos: “Amor; Amor Próprio; Contém Gente”.

É possível perceber que as palavras escolhidas são formas de embasar ainda mais o discurso do desfile, que é a crítica à ditadura da beleza. Essa postura se apresenta como uma crítica ao sistema tradicional do mercado de moda. No que diz respeito ao plano da expressão, observa-se que o uso da forma verbal estrutura ainda mais a narrativa desejada ao desfile, como forma de complemento para a performance.

Partimos agora para analisar a segunda instância, denominada como plano da estória ou conteúdo, que remete à questão da significação:

É neste plano que Ricoeur (1994) privilegia sua reflexão sobre o *mythos* aristotélico, igualando-se à diegese da estória, o mundo possível imaginado que se confunde com a tessitura propriamente: a disposição dos fatos em síntese para representar a vida e as ações humanas (processo mimético, imitativo da vida). (MOTA, 2003, pg. 136)

Nessa instância de análise, as ações causais desempenhadas por personagens estruturam uma intriga. O objetivo é identificar os princípios de organização da narrativa para compreender como é elaborado o ato de contar a história. Neste plano, iremos investigar a lógica e a sintaxe e como funcionam dentro da história, compondo o enredo e os conflitos. Uma das características analisadas nessa instância é a caracterização dos personagens. Dentro da funcionalidade da história criada por Lindebergue, os modelos atuam como participantes da narrativa e são eles que apresentam ao público a história.

O estilista se ateu a todos os detalhes na criação do conceito da coleção “Amor Próprio”. Os modelos receberam na pele um bronze alaranjado para dar a impressão

mais neutra, sem uma maquiagem muito pesada. Os cabelos ficaram escondidos pelo plástico ou as criações pontudas utilizadas na cabeça, desmistificando a separação de homem/mulher por esse aspecto e aludindo às cirurgias plásticas. O ideal de beleza imposto pela moda ficou em contraponto na narrativa criada pelo estilista, que trouxe modelos masculinos vestidos com saias e vestidos, e mulheres com peças que imitavam o órgão sexual masculino. Segundo o estilista “a ideia era não ver a roupa, e sim ver pele, gente, nas suas perfeições e imperfeições”.<sup>9</sup> Outro ponto é a presença de modelos travestis, que desfilaram representando a diversidade e a pluralidade de corpos e gêneros.

O projeto dramático se desenrola a partir da quebra de padrões e expectativas tradicionais de um desfile de moda. Os diversos tipos de plástico, presentes tanto nas adornações de cabeça, quanto nas roupas, são acompanhados de tecidos como linho e crepe, conhecidos por não marcarem muito a silhueta e serem mais fluídos. Nas cores, há o predomínio dos tons de nude e bege, que se contrapõem aos pontos de luz verde e rosa. Linderbergue traz para as passarelas uma beleza emplastificada, entoando o discurso das convenções empregadas por esse setor. Em entrevista à revista “Quem”<sup>10</sup>, o estilista explica alguns das prerrogativas da narrativa criada:

A ideia (do desfile) é falar de pessoas, e não de tendências. O nome da coleção foi inspirado em transexuais, drag queens, pessoas gordas, todos os que não se encaixam na sociedade, mas se aceitam como são. Há muita rigidez nas formas, assim como o momento que vivemos -- tanto político quanto social. (FERNANDES, 2018)

No desfile há uma ordem cronológica de eventos composta pela ordem das peças e ordem dos modelos, constituindo início, meio e fim. Lindebergue quebra com a ordem dos desfiles, com o corpo padrão que caminha pela passarela exibindo a roupa e transforma o palco em um espaço de protesto e subversão. A modelagem que aparece em “Amor Próprio” sugere volumes incomuns, vestindo personagens que não se distinguem por sexo e que, embalados pelo plástico, parecem ter saído da mesa de cirurgia. Abrindo mão dos modelos padrões, o estilista dá voz às representações pouco

---

<sup>9</sup>Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2018/05/15/contem-gente-nem-sempre-a-moda-fala-so-de-roupa/>. Acesso em 2 de dezembro de 2018.

<sup>10</sup>Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-Inspira/noticia/2018/05/passarela-e-o-lugar-onde-passamos-mensagem-e-fazemos-nosso-manifesto-explica-o-estilista-cearense-linderbergue.html>. Acesso em 2 de dezembro de 2018.

vistas no mercado da moda. O efeito causado levou ao questionamento da importância dada justamente a estes padrões, bem como da segregação entre os sexos.

O plano analítico da estória complementa o da expressão e apresentam as intencionalidades e as estratégias discursivas montadas para o desfile, em aspectos que também vão além dos analisados.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O DFB tem se mostrado cada vez como um evento de grande proporção e visibilidade para o Ceará. Vislumbrar como o evento constrói narrativas por meio de um desfile é primordial para entendermos também a importância da moda no campo da comunicação.

Neste artigo, apresentamos como objetivo refletir sobre a construção da narrativa dentro da moda, por meio do desfile do Linderbergue Fernandes no DFB 2018, buscando compreender como os elementos narrativos são utilizados a favor da criação de uma história coerente, alinhada ao propósito que o estilista desejou passar para o público. Por meio da Análise Pragmática da Narrativa do Motta (2003), juntamos os campos de estudo de moda e comunicação, passando a entender o desfile como um texto a ser lido e compreendido sobre instância de expressão e estória.

Para Baudrillard “a moda constitui uma ruptura profunda no pensamento discursivo, mergulhando-o na irreverência absoluta, ela desarticula o esquema tradicional da representação.” (BAUDRILLARD, 1996,p.182). É exatamente essa questão que o desfile “Amor Próprio”, do estilista Lindebergue Fernandes, aborda. O estilista traz para a passarela a questão da autoaceitação e da diversidade de corpos e gêneros, levando para o público uma discussão identitária e de representação social, ao trazer modelos que tendem a ser marginalizados nesse campo. Podemos inferir, ainda, que a narrativa contada no desfile traz também as visões de mundo das pessoas que se submetem às cirurgias plásticas e às alterações corporais em busca do “corpo perfeito”, representado pelos plásticos e desenhos expostos nos tecidos.

Ao analisarmos este desfile específico como estudo de caso, verificamos que vários aspectos contribuem para que a mensagem desejada seja transmitida. Os elementos utilizados na composição das imagens são construídos de tal forma a criar a história da aceitação e da relação de amor para com o corpo, que deve ir muito além das peças de roupas.

Trabalhar com o objeto moda é desafiador por quebrar preconceitos que a moda se resume à roupa. O desfile estudado demonstra como as roupas podem ser espaços de expressão e de reivindicação. É necessário estudar e produzir material acadêmico para que esse campo seja reconhecido pela sua importância, tanto no que tange à compreensão da sociedade de consumo atual, quanto à oportunidade de dar visibilidade às identidades individuais e coletivas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Sistema de moda**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca semiótica e morte**. São Paulo: Loyola. 1996

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e poética**. Editora Brasiliense. 1994

CASTILHO, Kátia. **Moda e linguagem**. São Paulo : Anhembi Morumbi, 2004.

FANTI, Maria. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. 2003.

FLAUSINO, Márcia; MOTA, Tatiana. **As Narrativas da Publicidade e da Moda - Fomentando o Consumo Jovem**. Brasília, 2012.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOFFILY, Ruth. **O jornalismo e a produção de moda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

LIPOVETSKY, Gilles. **Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.